

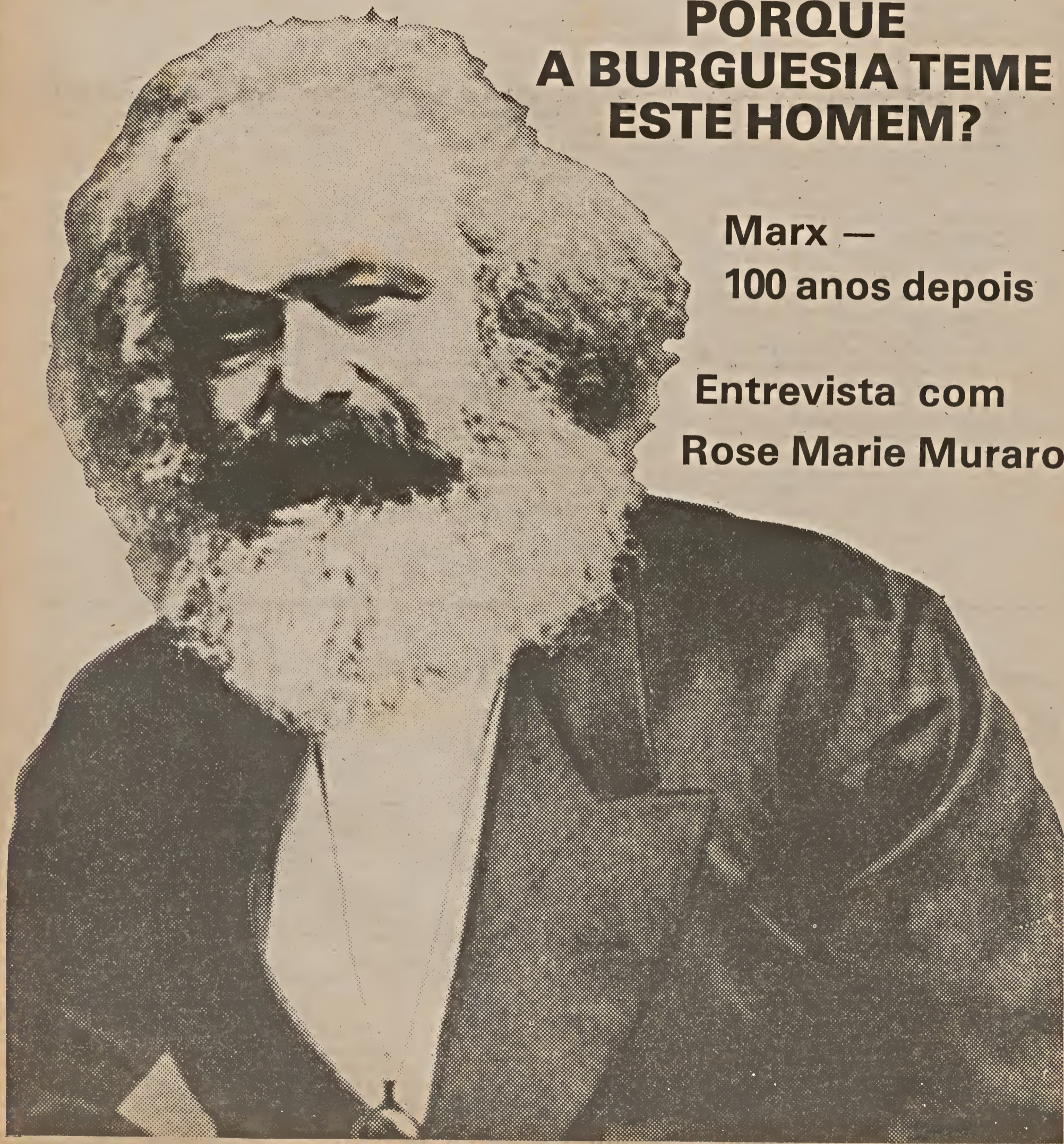
RESISTÊNCIA

Órgão Estadual de Divulgação da Resistência Oposição Estudantil.
CIRCULAÇÃO DIRIGIDA AOS ESTUDANTES

PORQUE A BURGUESIA TEME ESTE HOMEM?

Marx —
100 anos depois

Entrevista com
Rose Marie Muraro



Com este número experimental, a **RESISTÊNCIA**, posição política que vem forjando sua história no movimento estudantil gaúcho desde as lutas específicas levadas em cada sala de aula até às grandes mobilizações, se coloca o desafio de lançar um jornal estadual estudantil.

Que ele seja um instrumento de discussão política permanente em meio aos estudantes e que contribua para que o M.E. consiga superar os atuais impasses.

Como fruto das orientações corporativas que rebaixam a discussão em troca de "resultados práticos mais tangíveis", o M.E. nacional se depara hoje com uma grave debilidade: **não se discute mais política nas entidades.**

A rigor, o M.E. tem percorrido dois caminhos que desembocam, ambos, no apoliticismo.

O primeiro seguido pelas correntes que chamaremos de "neo-autonomistas", afirma fundamentalmente a necessidade da luta ideológica e levanta bandeiras importantes relacionadas às questões que tocam hoje mais diretamente à juventude; todavia, percorre por esta posição uma tendência no sentido de subestimar a importância da luta de massas dos estudantes contra a política educacional do regime, ou de resistência aos efeitos da crise que se fazem sentir nas universidades. Além do que, os "neo-autonomistas"

não conseguem responder de forma revolucionária às próprias questões que levantam no plano da cultura, ecologia, moral, sexualidade, etc... conseguindo, apenas, reproduzir as propostas pequeno-burguesas que se estendem desde a mística até aos apelos pela desagregação mais completa.

Por outro lado, teríamos toda uma gama de posições que afirmam basicamente a luta específica ligada às questões econômicas, em detrimento da discussão e das mobilizações políticas. Interessante constatar como tais posições, ao procurarem "politizar" o movimento, repetem invariavelmente os mesmos chavões, quase sempre de cunho reformista, soltando para o movimento — "de pára-quebras" — palavras de ordem desconexas que se apresentam ao conjunto dos estudantes como algo que lhes é absolutamente estranho; desnecessário salientar o tom sectário que acompanha este "método" e as decorrências aparelhistas na condução das entidades.

Estes dois blocos de posições contribuem para o distanciamento crescente das pretensas "vanguardas" das massas, fato facilmente observado, por exemplo, nas polêmicas travadas nas instâncias de deliberação das entidades, marcadas por disputas estéreis em torno de formulações e picuinhas.

Ao desmarcar com tais visões

equivocadas, tornamos clara a nossa disposição de procurar articular a luta ideológica contra os valores burgueses à luta de massas contra a política educacional do regime militar. O M.E. não pode ser encarado, simplesmente, como um campo propício à formação de quadros. Deve, também, ser considerado na potencialidade de se constituir num vigoroso movimento de massas, linha auxiliar do movimento operário e popular.

Dentro destas linhas mais gerais que serão explicitadas no próprio jornal, conclamamos todos os estudantes interessados em fazer avançar a luta política pela derrubada do regime militar e pela construção do Socialismo a contribuir com o projeto deste jornal. Ainda que "RESISTÊNCIA" seja um órgão de uma posição política determinada, o mesmo procurará reservar sempre um espaço para o debate interno e para a divulgação de opiniões de outras tendências ou de posições independentes, mesmo porque não possuímos soluções prontas ou mágicas para os problemas, nem portamos os estatutos da história.

Saudações democráticas, operárias e populares

Conselho editorial
P. Alegre, 18/03/83

RESISTÊNCIA

é o órgão estadual de divulgação da oposição estudantil Resistência.

Circulação dirigida aos estudantes
Periodicidade - mensal
Tiragem desta edição - 3000 exemplares

RESPONSÁVEIS:

Cláudio Ritter Alves - Pres.
DCE de Santa Maria
Gérson Madruga da Silva - Pres. DCE U.F. Pelotas
Ricardo Marquez Almeida - Sec. Geral DCE U.C. Pelotas
Carlos Umberto Delevati - Pres. DCE de Bagé
José Eduardo Utzig - Vice pres. UEE/RS



A CLASSE OPERÁRIA VAI À LUTA

No dia 22 de março, e aqui no RS também no dia 19, os trabalhadores do Brasil inteiro manifestaram o seu repúdio à política econômica do governo, especialmente ao decreto 2.012 que altera a política salarial.

A crise econômica que vem se desenvolvendo há alguns anos, assume agora o seu ponto culminante. A ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional e as conseqüentes medidas tomadas pelo regime alastraram ainda mais a miséria e a fome entre as massas oprimidas. E não se trata de uma crise qualquer, mas de uma profunda crise do sistema capitalista internacional, e é da classe operária dos países periféricos que o sistema procura retirar a maior quantidade de sangue e suor para a sua própria sobrevivência.

Mas aos trabalhadores não interessa pagar o preço de uma crise que não foi gerada por eles, mas sim pela ditadura dos monopólios em benefício das grandes empresas nacio-

nais e estrangeiras. Por isso, a classe operária e os trabalhadores em geral dizem claramente — "Os patrões e o governo que paguem pela crise".

Neste sentido, as manifestações e ações desenvolvidas para resistir à crise devem se transformar em algo qualitativamente superior a meras respostas a esta ou aquela medida adotada pelo governo. Para responder à saída que as classes dominantes, propõe para a crise, às custas do aumento da exploração, é preciso transformar as mobilizações numa alavanca que impulse a elevação do grau de consciência política dos trabalhadores e aumente seu grau de organização. Numa palavra, é necessário preparar a greve geral de todos os setores, com uma plataforma comum de reivindicações, e apontar para a construção da CUT em 83, sem pelego e sem patrão, combativa, classista e independente do Estado.

Mais do que isso, o caminho fundamental a ser trilhado deve preparar a classe operária e os trabalhadores de todos os setores para a luta política pela derrubada do regime e instalação de um poder que exproprie os monopólios e garanta o seu controle pelos operários, que realize uma reforma agrária radical, que garanta as mais amplas liberdades políticas para a classe operária e para todos os oprimidos; enfim, que satisfaça os interesses imediatos das classes exploradas e comece a por fim a toda a exploração capitalista. Ao contrário daquilo que afirmam os representantes do regime, da oposição liberal burguesa e social-democrata, esta é a saída que interessa aos oprimidos.

GREVE CONTRA O ENSINO PAGO

O ano iniciou-se na UFPEL com uma intensa agitação. Nas salas de aula, nos corredores, nos bares e Restaurantes Universitários uma só preocupação: O fim do transporte gratuito e a conseqüente ofensiva para implantar o ensino pago.

A princípio, somente as diretorias das entidades e alguns estudantes distribuía panfletos e participavam das discussões. Aos poucos, o burburinho contido foi-se transformando numa torrente de indignação. O processo de mobilização encaminhado pela diretoria do DCE e DAs, que visava esclarecer os estudantes sobre o movimento e apontar para a luta como única forma de combater a portaria do Reitor, começava a dar resultados. A indignação e a revolta, canalizadas como foram para a organização dos estudantes, fez com que a participação tímida no início desembocasse em massivas assembléias e manifestações.

Entretanto, tão importante quanto a expressiva participação dos estudantes, foi a qualidade política das ações desenvolvidas. Numa manifestação realizada em frente à

reitoria, mais de mil estudantes repudiavam as arbitrárias medidas do MEC e do Reitor. Por mais de uma hora, debaixo da chuva, sucederam-se falações, discussões e palavras de ordem. Lá dentro, na reitoria, realizava-se a reunião do Conselho Universitário. Por fim, os estudantes resolveram ocupar o saguão da reitoria e, por entre bandeiras da UNE, UEE/RS e DCE, realizaram uma verdadeira tribuna livre. As manifestações, em geral, deixavam claro o conteúdo da luta: Uma luta que materializava sua principal reivindicação numa questão específica (NÃO ao transporte na roleta), mas que tinha uma nítida articulação com a luta contra o ensino pago. Mais importante ainda, tornava-se claro que a política do MEC para as universidades é fruto da política do regime para todos os setores: a política do desemprego, do arrocho salarial, do corte de verbas para a educação, etc...

No dia 14, pela manhã, ao boicotarem a roleta, os estudantes não puderam ir ao Campus, pois a empresa "segurou" os ônibus. Mais uma vez, os estudantes da UFPEL

saíram numa imensa passeata pelo centro da cidade. Ao passarem pelas ruas e em frente às escolas, receberam inúmeras demonstrações de solidariedade.

Diante destas manifestações, não poderia ser outro o resultado da assembléia realizada dia 14 pela tarde: Unanimidade pela greve por tempo indeterminado. Mesmo aqueles mais vacilantes e até os que jogaram forte para abortar a mobilização foram arrasados pela inquebrantável vontade de luta e de justiça da ampla maioria dos estudantes.

E é preciso muita luta mesmo para enfrentar a política educacional do MEC que este ano já proibiu as suplementações de verbas para as universidades, que planeja fechar vários cursos e elitizar ainda mais o ensino.

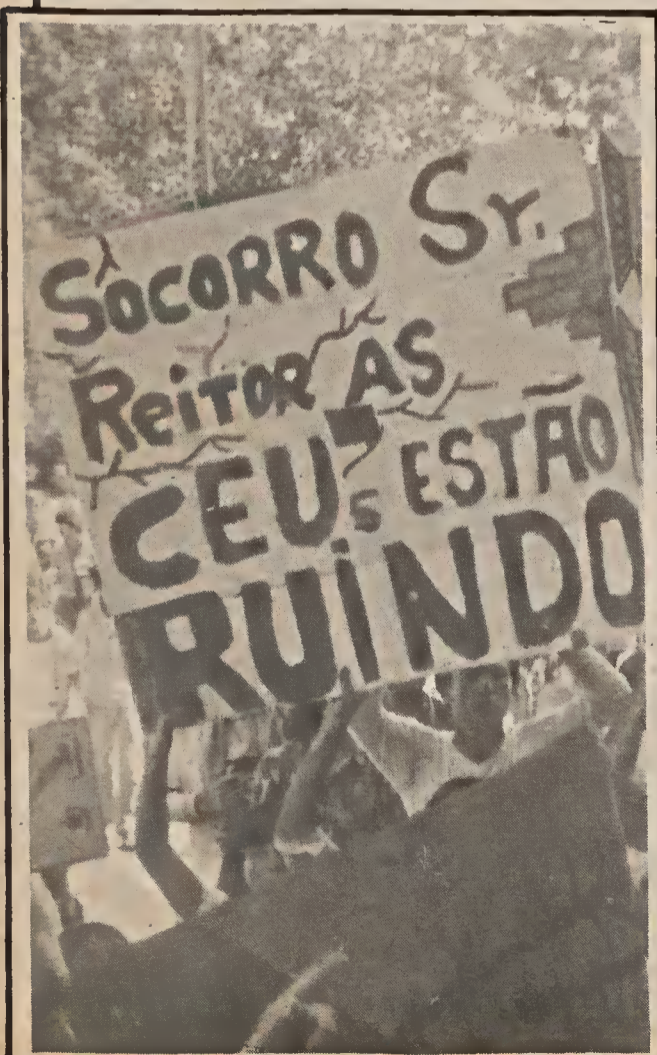
A vitória dos estudantes de Pelotas dependerá, fundamentalmente, da intensidade e qualidade de suas mobilizações que devem sempre procurar buscar o apoio dos funcionários e professores. Além disso, é necessário romper os muros da universidade e buscar o apoio e a integração ao movimento dos trabalhadores pelo fim de toda a exploração.

Fica a certeza de que os estudantes de Pelotas, temperados em muitas batalhas, saberão cumprir esta tarefa. Sua capacidade de luta, perseverança e tenacidade certamente servirá de exemplo para todos os que tem coragem para enfrentar o arbítrio e a opressão.

José Eduardo Utzig — Porto Alegre

Santa Maria:

MORADORES TOMAM BLOCO INACABADO



Na segunda-feira, dia 14 de março, a Casa do Estudante nº dois e o DCE/UFSM convocaram diversas entidades democráticas da cidade a comparecerem em visita pública às dependências do chamado "bloco 15", prédio que se encontra inconcluso há anos e que poderia abrigar quase cem estudantes.

Na visita, que teve ampla cobertura da imprensa, tornou-se conhecida a situação dos estudantes que, por não terem onde morar, se viram obrigados a tomar dependências que não possuem as mínimas condições de infra-estrutura - não há luz, não existem pia, as paredes estão sem reboco e existe apenas um vaso sanitário funcionando.

Após esta medida, a revolta tomou conta dos estudantes em seu conjunto, indignados com a situação de seus colegas. A partir daí, iniciou-se um amplo movimento pela conclusão do bloco; movimento este que se tem revelado amplamente mobilizador.

Como não poderia deixar de ser, o Reitor Armando Vallandro, conhecido entre os estudantes como "Vallandrão, o Bionicão", saiu a cata de microfones e câmeras para ameaçar os "bagunceiros" e anunciar que "tomaria as medidas legalmente cabíveis de repressão"; igualmente seu assecla prof. Adalberto Meller, pró-reitor de assuntos estudantis, integrou-se às ameaças de punição.

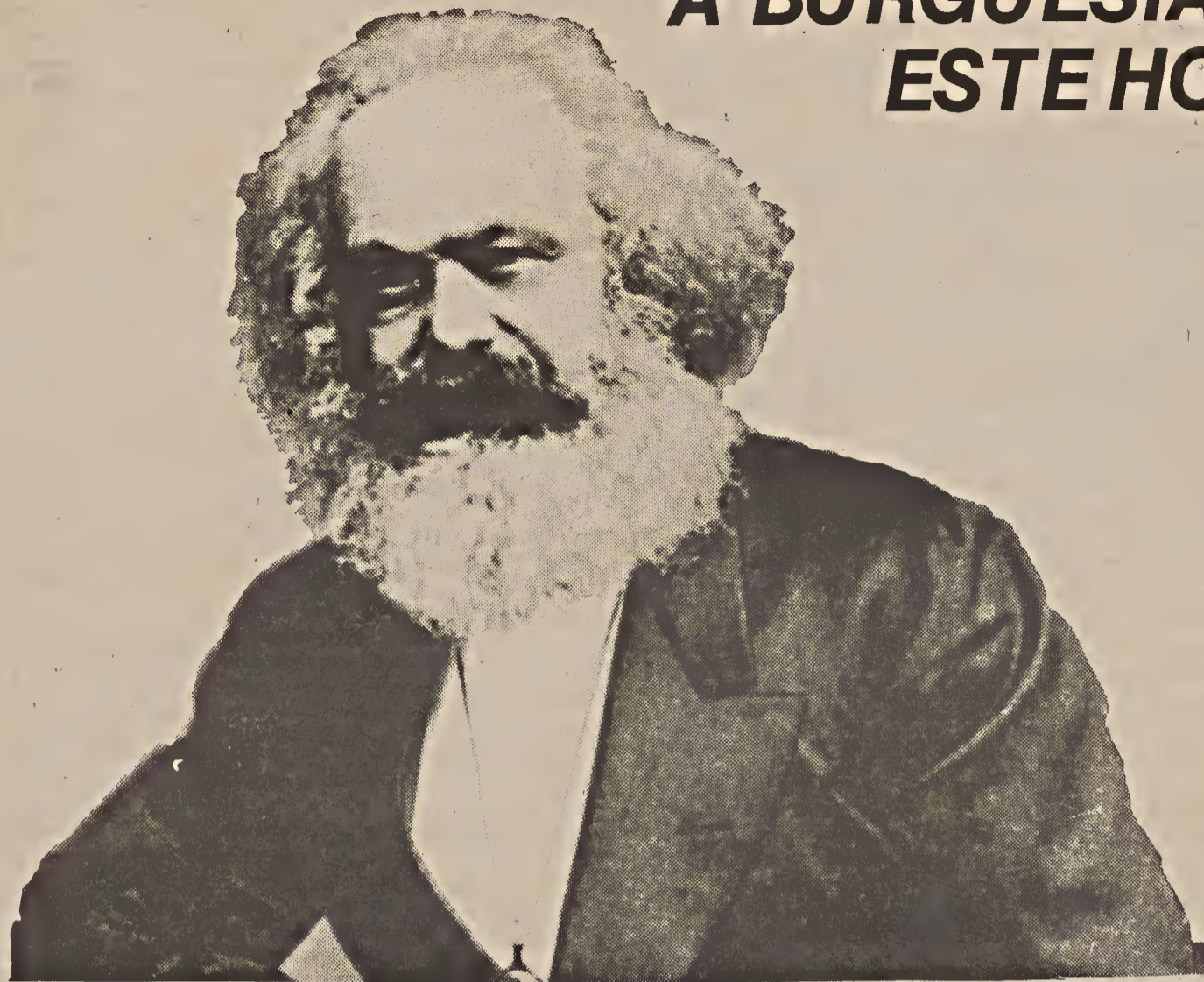
Ao invés de se preocuparem em resolver o problema gravíssimo que afeta os estudantes, as "autoridades" universitárias pretendem perseguir aqueles que são as maiores vítimas da política educacional do regime: os moradores das Casas de Estudante.

Todavia, o espírito de combatividade dos estudantes de Santa Maria haverá de trazer maiores "problemas" para os fantoches do MEC encastelados na Reitoria: Várias manifestações já estão previstas e a luta deverá se estender a níveis cada vez mais elevados de politização.

Aldo Assunção
Pres. da CEU-2



PORQUE A BURGUESIA TEME ESTE HOMEM?



"Um espectro ronda a Europa - o espectro do Comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo. O Papa e o Czar, Metternich e Guizot, os 'radicais' da França e os policiais da Alemanha".

Com estas palavras, inicia-se um dos mais famosos textos já escritos: "O Manifesto Comunista" de 1848, de autoria de K. Marx e F. Engels.

Passados cem anos desde a morte de Marx, ocorrida a 14 de março de 1883, resta a pergunta: Por que as classes dominantes temem tanto as idéias deste pensador alemão?

Marx não foi o primeiro socialista. As idéias de igualdade, justiça, distribuição de riquezas, etc... podem ser encontradas ao longo da história da humanidade, desde o Cristianismo Primitivo até o Socialismo Utópico de Saint-Simon, Fourier e Owen. Todavia, foi o marxismo o alvo dos mais violentos ataques por parte das classes dominantes de todos os países. Foram os marxistas que experimentaram as piores e mais cruéis perseguições políticas já efetivadas desde fins do século passado.

Em verdade, a repressão desencadeada através das décadas contra os partidários do "Socialismo Científico" revela a reação mais natural daqueles que identificaram nas descobertas de Marx a negação - teórica e prática - de seus privilégios de classe. Foi contra o conteúdo profundamente revolucionário do marxismo que os dominadores ergueram suas baionetas e destilaram todo o seu ódio.

Mas em que consiste este

conteúdo revolucionário, essencialmente transformador do marxismo?

Em primeiro lugar, na demonstração de que a dominação de uma classe sobre as demais decorria de uma necessidade histórica e que haveria de ser suprimida tão logo esta necessidade fosse superada. Resumindo suas próprias idéias é Marx que nos fala:

"Na produção social de sua vida, os homens contraem determinadas relações, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue a super estrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina sua consciência.

Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De forma de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de Revolução Social".

Desta maneira, Marx desco-

briu como o sistema capitalista, estruturado com base na propriedade privada dos meios de produção, alimenta uma contradição que o "empurra" permanentemente para o seu próprio fim. A saber: a contradição colocada pelo fato de a **produção ser cada vez mais social** (que se estende a um número cada vez maior de trabalhadores, que produzem a partir de relações cada vez mais estreitas e interdependentes) e a **apropriação** dos produtos ser cada vez mais particular, cada vez mais restrita a um número reduzido de capitalistas.

A superação desta contradição interna do Capitalismo estaria na dependência de uma Revolução dirigida pela classe operária ("que nada tem a perder, exceto seus grilhões") e que garantisse a apropriação coletiva dos produtos do trabalho humano e a extinção da propriedade privada sobre os meios de produção (máquinas, fábricas...). Como dizia Marx: "as armas da crítica não podem substituir a crítica das armas. A força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens. A teoria é capaz disto desde que demonstre sua verdade frente ao homem, desde que se torne radical. Ser radical é apreender algo em suas raízes. Para o homem, porém, a raiz é o próprio homem".

Continuando, foi Marx quem desvendou a raiz da exploração capitalista demonstrando como é extraída do operário a "mais-valia", fonte de todo o lucro do capitalista e razão de toda miséria do trabalhador. Ao descobrir esta lei essencial da acumulação capi-

talista, Marx colocou a nu o antagonismo radical e inconciliável que separa os interesses do capital, por um lado, e do trabalho, por outro.

Estas e muitas outras idéias de K. Marx mudaram o mundo. O incansável pensador e apaixonado ativista político legou à humanidade e, especialmente, à classe operária - única capaz de, pelo papel que representa na produção, ser revolucionária até as últimas conseqüências - um corpo riquíssimo de investigações que abarcam os mais variados campos desde a filosofia, a história, passando pela economia e se estendendo até à matemática. Em todos os seus estudos e em cada gesto uma única preocupação: Cooperar para a derrubada da sociedade capitalista e das instituições políticas por ela criadas; contribuir para a emancipação do proletariado moderno, a quem ele havia infundido, pela primeira vez, a consciência de sua própria situação de suas necessidades. Afinal, "os filósofos até então haviam se limitado a interpretar o mundo, quando se tratava fundamentalmente de transformá-lo". Tal era a verdadeira missão de sua vida. A luta era o seu elemento.

Marx, por isso, foi o homem mais odiado de seu tempo. Os burgueses, tanto os conservadores como os democratas, competiam em lançar difamações contra ele. Marx punha tudo isto de lado, como se fossem teias de aranha, não fazia caso e só respondia quando isso era exigido por uma necessidade imperiosa. E morreu venerado, querido por milhões de trabalhadores da causa revolucionária, espalhados por

toda a Europa e a América, desde as minas da Sibéria até a Califórnia. Seu nome viverá através dos séculos e, com ele, sua obra.

Os burgueses de hoje tem todos os motivos para temer o marxismo. Afinal, uma filosofia que pretende subverter relações históricas alicerçadas na dominação só pode mesmo causar calafrios nos "contadores de dinheiro" em particular e nos parasitas em geral. Ainda mais que tal filosofia tem se revelado uma força capaz de sublevar as amplas massas oprimidas na luta pelo poder político. Tudo porque a força do Marxismo não reside apenas, como querem alguns de seus vulgarizadores neo-positivistas e stalinistas - em seu caráter científico. Toda a obra de Marx está impregnada por uma inabalável confiança no futuro, de onde extrai sua poesia. Ao anunciar o advento da sociedade sem classes e o estabelecimento de novas relações estruturadas não mais em função de interesses particularistas de grupo, mas voltada para a plena realização das potencialidades individuais, o marxismo assume vigorosamente toda a sua dimensão ética.

Pois, para Marx, a história não é um ente abstrato e metafísico regido por "leis de ferro", ou orientada por uma lógica anterior e externa à própria atividade humana. A história, para os marxistas, é o próprio processo de auto-construção do homem, um processo com sujeito, portanto. Sobre quem recai toda a responsabilidade pela manutenção ou supressão das injustiças.

O Socialismo hoje

Com a Revolução Russa de 1917, liderada pelo Partido Bolchevique de VI. Lénin, abriu-se um novo período na história da humanidade. Pela primeira vez, um Partido de inspiração marxista chegava ao poder disposto a conduzir a classe operária e seus aliados no sentido do estabelecimento do Socialismo e da extinção das classes sociais.

Todavia, a Revolução Russa, a partir do período Stálin, enveredou rapidamente para a burocratização do aparelho de Estado. Em que pese as inquestionáveis conquistas sociais da classe operária e dos trabalhadores em geral — que garantiram a eliminação das maiores chagas deixadas pela exploração capitalista como a miséria, a fome, a prostituição, etc... —, o fato é que, progressivamente, a classe operária foi sendo afastada do poder político sendo sua participação cada vez mais formal. As relações jurídicas de propriedade foram completamente subvertidas a partir de 1917 sendo a propriedade privada dos meios de produção abolida. Entretanto, a lógica interna da acumulação do capital continuou vigorando. Assim, uma nova camada de exploradores cristalizou sem domínio nas esferas de poder garantindo para si e para os "seus" determinados privilégios. Tudo se passou como se o capital passasse a ser gerido coletivamente, sem burgueses "privados" mas com uma nova "burguesia" estatal.

Tal fenômeno de transformação do caráter do Estado Soviético, que teve nos processos de Moscou seu momento significativamente trágico, colocou para o marxismo questões novas e de maior relevância para o movimento revolucionário.

Afinal, qual o caráter do Estado da URSS?

Um Estado "Socialista", com "alguns defeitos"? Um Estado que foi Socialista mas que, de um momento para o outro, sob a ação da "canalha traidora", regrediu ao capitalismo? Um Estado Operário "degenerado"? Ou um novo tipo de Estado, com um novo modo de produção?

Em que pese a hilariante "certeza" de esquerda tradicional, acostumada a racionar com duas ou três variantes e a proclamar sua própria ignorância como verdades "cristalinas", o certo é que este é um problema ainda não resolvido pelo marxismo. Os maiores pensadores com pesquisas de décadas sobre o tema, como é o caso de C. Bettelheim, autor de "A Luta de Classes na União Soviética", mudam de opinião a cada novo trabalho. Outros, como é o caso de P. Sweezy, limita-se a renegar as posições mais comuns e manter em aberto a possibilidade de existência de um novo modo de produção na URSS indicando ser este o caminho para as investigações.

Em nossa opinião entendemos que, independentemente do resultado das investigações, é possível se chegar a uma posição provisória sobre o tema. Para isso, é preciso, em primeiro lugar confrontar o "Socialismo realmente existente", não só na URSS, como também nos países do leste europeu, Cuba, Albânia, etc..., com o projeto que queremos para uma nova sociedade. Qualquer contraposição deste tipo nos levará a concluir que nenhuma destas sociedades podem ser tomadas como "modelo" para a ação revolucionária.

A sociedade que queremos não contará com repugnantes burocratas do tipo Andropov, nem com mediocridades da moda Enver Hoxa. A sociedade que queremos construir não poderá reprimir os trabalhadores como ocorre hoje na Polônia, nem orientar pelo chauvinismo sua política externa, como é o caso da URSS.

A sociedade que haveremos de conquistar porá por terra todas as formas de exploração abrindo caminho para a plena realização das potencialidades individuais. Uma sociedade que não tratará apenas de garantir aos trabalhadores melhores condições de vida, mas que caminhará celeremente para a concretização do reino da liberdade.

Um dia na vida de K. Marx



(Trechos de uma carta de Jenny Marx - mulher de Marx - a J. Weydemeyer. Londres, 20/5 de 1850).

Jenny

"... Peço-lhe que nos mande o mais depressa possível qualquer dinheiro que tenha sido ou venha a ser recebido da Revista. Certamente ninguém pode censurar-nos por jamais termos feito muito caso dos sacrifícios que vimos fazendo ou suportando há anos, o público nunca foi informado de nossa situação; meu marido é muito sensível nestas questões e preferiria sacrificar seu último recurso a apelar para a medicina deocrática como fazem os "grandes homens" reconhecidos oficialmente. Todavia, ele poderia ter contado com o apoio ativo e enérgico dos amigos à Revista dele. Poderia ter contado com este apoio antes de mais nada por parte dos que sabiam de seus sacrifícios..."

"... Aqui, meu marido está quase esmagado pelas preocupações mesquinhas da vida de forma tão revoltante que tem precisado de toda a sua energia, calma e sentimento de dignidade para conservar-se nesta luta de cada dia e de cada hora. Você conhece, caro Weydemeyer, os sacrifícios de meu marido pelo jornal. Inverteu milhares em dinheiro, assumiu os encargos de proprietário, ficou com toda a responsabilidade, sacrificou a tipografia e todos os seus rendimentos... e ele teve de ser enxotado à força. Você sabe que não guardamos nada para nós. Fui à Frankfurt para empenhar minha prataria - a última coisa que me restava - e mandei vender minha mobília em Colônia porque estava em risco de ter minha roupa de cama e mesa e tudo o mais sequestrados. Ao começar o infeliz período da contrarrevolução, meu marido foi para Paris e seguiu-o com minhas três filhas. Mal havíamos nos instalado em Paris e ele foi novamente expulso..."

Acompanhei-o para além mar. Um mês depois nasceu nosso quarto filho. É preciso conhecer Londres e a situação daqui para entender o que é ter três crianças e dar a luz a uma quarta.

... descreverei para você apenas um dia daquela vida, exatamente como se passou... Como as amas aqui são muito caras, resolvi alimentar meu bebê pessoalmente, apesar das contínuas dores terríveis no seio e nas costas. Mas o pobre anjinho mamava tanta preocupação e ansiedade recalcada que estava sempre

mal e sofria horrivelmente dia e noite. Desde que veio ao mundo ainda não dormiu uma única noite, no máximo duas ou três horas isso raramente. Recentemente tem tido violentas convulsões e estado entre a vida e a morte. Devido ao sofrimento, ele mamava com tanta força que meu seio ficou esfolado e a pele rachou, e muitas vezes o sangue entrava por sua boquinha trêmula...

... Eu estava um dia sentada assim com ele quando a zeladora de nossa casa apareceu... Ela negou o acordo que havíamos feito para pagar nossas dívidas e exigiu o que ainda lhe devíamos. Como não tínhamos nenhum dinheiro no momento, vieram dois meirinhos e sequestraram todas as minhas escassas posses, roupas, camas, tudo, até o berço de meu pobre filho e os brinquedos de minhas filhas que ficaram chorando amargamente...

... Tivemos de deixar a casa no dia seguinte. Estava frio, chuvoso e nublado. Quando mencionávamos as quatro crianças, ninguém nos queria aceitar. Finalmente, um amigo auxiliou-nos...

... Perdoe-me, amigo, por ter sido tão extensa e verbosa para descrever um único dia de minha vida aqui. É irrefletido, sei disso, mas meu coração está querendo estourar esta noite e preciso, pelo menos, desabafá-lo com meu mais antigo e sincero amigo. Não pense que estas misérias me abatem: sei muito bem que nossa luta não é isolada e que eu, em particular, sou uma das escolhidas, felizes e favoritas, pois meu querido marido, esteio da minha vida, ainda está ao meu lado. O que realmente tortura a minha alma e faz meu coração sangrar é que ele tenha de sofrer tanto por ninharias assim, ele, que tão alegremente ajudou a tantos, ficasse assim desamparado... Nunca, nem mesmo nos momentos mais medonhos, ele perdeu a confiança no futuro nem seu humor jovial, e ficou satisfeito ao ver-me animada e nossas quatro crianças aninhando-se junto da mãe querida. Ele não sabe, caro Weydemeyer, que eu lhe escrevi com tanta minúcia sobre a nossa situação; por isso, peço-lhe que não mencione estas linhas. Tudo que ele sabe é que lhe pedi, em nome dele, que apresse o mais possível o recolhimento e remessa de nosso dinheiro..."

CONFISSÃO

(questionário respondido por Marx e elaborado por sua filha Laura)

Qual sua virtude favorita? SIMPLICIDADE
Sua virtude favorita no homem — FORÇA
Sua virtude favorita na mulher — FRAGILIDADE
Sua principal característica — COERÊNCIA DE PROPÓSITOS
Sua idéia de felicidade — LUTAR
Sua idéia de desgraça — SUBMISSÃO
O vício que você mais perdoa — CREDULIDADE
O vício que você mais detesta — SERVILISMO
Sua aversão — Martin Tupper
Ocupação favorita — LER
Poeta favorito — SHAKESPEARE, ESQUILO, GOETHE
Prosador favorito — DIDEROT
Herói favorito — SPÁRTACUS e KLEPER
Heroína favorita — GRETCHEN
Cor favorita — Vermelho
Flor favorita — Loureiro
Nome favorito — Laura e Jenny
Prato favorito — Peixe
Máxima favorita — "NADA DO QUE É HUMANO ME É ESTRANHO"
Lema favorito — "DEVE-SE DUVIDAR DE TUDO".



Marx, suas filhas, e Engels

K. Marx

FEMINISMO: FALA ROSE MARIE MURARO



Participando da semana de comemoração ao Dia Internacional da Mulher organizado pelo Grupo Feminista Germinal, esteve em Santa Maria a feminista escritora Rose Marie Muraro. Em sua visita ao Rio Grande do Sul, Rose concedeu entrevista exclusiva ao Jornal RESISTÊNCIA. A seguir, na íntegra, a entrevista com a autora de "Sexualidade da Mulher Brasileira — Corpo e Classe Social no Brasil".

RESISTÊNCIA — Rose, como você avalia hoje o Movimento Feminista no Brasil? Desde a estruturação do Movimento no Brasil, a luta feminista tem avançado?

Rose — Após cinco anos falando sozinha, na época mais aguda da repressão quando não havia sequer direito de reunião, o Movimento começou a dar mostras de alguns avanços. Em 1975, as Nações Unidas patrocinaram os primeiros grupos feministas que foram o Centro da Mulher Brasileira e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista. Então, até esta data não havia propriamente um Movimento organizado no Brasil; a gente fazia uma coisa incrível na época que era construir o Movimento Feminista através dos mídia; a gente dava muitas entrevistas, fazia-se muitas reportagens divulgando o feminismo. O Brasil talvez tenha sido o único país do mundo onde o feminismo começou através dos meios de comunicação, depois é que vieram os grupos. Nesta mesma época estava acontecendo uma grande transformação na história da mulher em nosso país: Primeiro que o nº de universitárias de 69 para 75 havia quintuplicado (100 mil para 500) enquanto que o nº de homens apenas dobrava; também a força de trabalho da mulher dobrava de 6 para 12 milhões e foram estas transformações que fizeram, no início da década, que as questões feministas tivessem uma grande repercussão. Assim, em 75 começa o M. F. principalmente em meio à classe média, mas foi em 79 que começou a grande querela entre o Movimento feminista e a esquerda tradicional. Costumava-se dizer, na época, que os movimentos das minorias — negros, mulheres etc. — atrasavam a luta de classes...

RESISTÊNCIA — Sim, que eram movimentos próprios da pequena-burguesia...

Rose — Exatamente, então esta discussão se prolonga por três anos, até as eleições de 1982 onde se discutia a chamada contradição entre as lutas "gerais" e "específicas". Foi neste momento que eu iniciei a pesquisa do livro. Sai por aí perguntando pois eu queria saber o que era e o que não era. Peguei as diversas classes sociais e fui pesquisando como as mulheres viam a sexualidade. Ai em 1982, nas eleições, ocorre um fenômeno interessante: a esquerda tradicional sai derrotada das urnas e muitos são os candidatos eleitos através dos movimentos sociais — como o feminismo, a ecologia, etc... Então, como eu estava escrevendo o livro, ficou muito patente que o comportamento sexual tinha uma correlação muito íntima com a ideologia política; eu mostrava, por exemplo, porque os camponeses votavam no patrão, porque a burguesia só votava nela mesma, claro, porque o operário votava num líder carismático de outra classe social pois o operário nunca vota em operário, coisas deste tipo. A pesquisa comprovou, também que os movimentos "so-

ciais" ao invés de atrasarem a luta de classes contribuíam para acelerá-la. Por isso, acho que o livro é importante para ser refletido, também, pelos partidos de esquerda.

Com relação à avaliação do Movimento hoje, acho que ele cresce realmente, embora seja menor que o seu carisma pois as idéias feministas marcam a nossa época, é a maior emergência da segunda metade do século XX em todo o mundo, um negócio incrivelmente explosivo que nos mostra que quando você está no bojo da história, qualquer coisa que você faça tem uma repercussão enorme, se não está não adianta fazer esforço. Como é que se explica o fato de os movimentos sociais terem tamanha repercussão, hoje? Para mim, é porque nós falamos ao desejo do povo. **RESISTÊNCIA** — E como você avalia as diferentes tendências que se manifestam no interior do próprio movimento feminista?

Rose — Bem, a polêmica toda sempre foi em cima da contradição aparente em se levar unicamente os problemas da mulher ou as questões mais gerais da luta do povo brasileiro. Mas agora estes rachas perderam a razão de ser. Depois de três anos de briga, parece que já se vê a necessidade de ações comuns; o próprio ano eleitoral, quando se entrou em campanha política, acho que contribuiu para o pessoal aprender muito sobre a integração entre o "geral" e o "específico".

RESISTÊNCIA — Como tu vês a chamada "questão da mulher" nos países denominados "socialistas"?

Rose — Em primeiro lugar, me parece que um regime político não é automaticamente libertador. A condição das mulheres nos países "socialistas" varia muito. Na União Soviética, onde foram resolvidos os principais problemas sociais relativos à fome e a miséria, não se tocou na estrutura familiar que é a articulação através da qual o indivíduo entra na sociedade de classes; acho que isto contribuiu significativamente para que a sociedade soviética permanecesse autoritária, verticalizada. Mas em outros países socialistas onde se mexeu na condição da mulher se alcançou graus maiores de participação popular, me parece o caso da Cuba.

RESISTÊNCIA — E como tu vês a vinculação da luta feminista com a luta pelo poder político?

Rose — Eu acho que a experiência das eleições de 82, quando o movimento feminista pesou muito, nos indica como os movimentos sociais podem acelerar a luta de classes. É muito mais fácil, via discussão sobre a sexualidade, você mobilizar grandes massas de mulheres e, portanto, grandes massas populares, do que você não tocar no assunto e continuar juntando meia dúzia de gatos pingados...

RESISTÊNCIA — Mas e o caso da mulher burguesa, que é oprimida enquanto mulher, mas ao mesmo tempo oprime enquanto integrante de uma classe?

Rose — Bom, a opressão dela eu chamo de "falsos custos do capitalismo", ou seja, sua opressão é feita para reproduzir o capital. Seu comportamento sexual cínico é acompanhado por um posicionamento político igualmente cínico. A mulher burguesa, enquanto burguesa, está perdida; não pode chegar ao feminismo. Para

ela ser conseqüente, tem de largar a classe dela. Algumas mais dispostas largam mesmo e viram classe média alta, podem até ter altas rendas, mas não mais participantes das ecisões do capital; ou seja, elas têm de se furtrar à dinâmica própria da acumulação capitalista, renegar a lógica interna do capital.

RESISTÊNCIA — Com relação a algumas reivindicações específicas, como você encara a legalização do aborto?

Rose — As burguesas, que se dizem "católicas", não têm o menor grilo ao praticarem o aborto; já as camponesas dizem que "é pecado" e não fazem mesmo, veja como as classes dominantes exportam a Igreja para as outras classes enquanto elas mesmas estão se lixando para a Igreja e, com isto, todos os valores, tanto que eu só ouvi falar em fidelidade, amor, honestidade no meio dos explorados, da boca de burguoperárias são contra o aborto, mas fazem por necessidade econômica. Acho inclusive que as mulheres que tiveram filhos por causa das pregações da Igreja deviam organizar uma procissão e botar as crianças todas na porta da Igreja para ela criar, né? Claro, pois se a Igreja quer ser coerente, falar em favor da "vida" em abstrato, então que dê condições de criar.

RESISTÊNCIA — Quais os inimigos do feminismo?

Rose — As mulheres não-feministas. São as piores inimigas do feminismo.

RESISTÊNCIA — E os principais aliados do feminismo?

Rose — Os homens feministas.

RESISTÊNCIA — Para encerrar, se tu tivesses que deixar uma mensagem às mulheres nesta tua rápida passagem pelo estado, o que tu dirias?

Rose — Organizem-se. Criem grupos, discutam os seus que não são individuais, não, mas de todas as mulheres. Participem dos grupos já existentes como este grupo Germinal que existe em Santa Maria e que me deixou muito impressionada pela sua seriedade e potencial de mobilização. Mexam-se, pois tudo o que o Movimento Feminista faz tem uma repercussão imensa.

A mulher da cabeça aos pés

Ano de 1857. Cidade de Nova York, Estados Unidos. Dezenas de mulheres são queimadas vivas numa fábrica por estarem fazendo greve reivindicando seus direitos. Em todo o mundo se caracterizou esta data como o Dia Internacional da Mulher — 8 de março, em homenagem a estas operárias que morreram lutando por seus direitos.

Neste ano, em diversas cidades do Rio Grande do Sul grupos feministas fizeram manifestações levantando a opressão sofrida pela mulher. Em Santa Maria, o Grupo Feminista Germinal promoveu a semana "Mulher da Cabeça aos Pés", que, além de Rose Marie Muraro, trouxe a escritora Lia Luft. Também fez parte da programação um debate sobre Saúde, Sexualidade e Direito da Mulher, um recital de canto e poesia "Mulher Bem e Mal Cantada", uma feira de livros e uma de arte. O Germinal se organizou em Santa Maria há um ano e meio e realiza um trabalho de conscientização, principalmente entre as mulheres das vilas locais e as universitárias. No programa do grupo constam lutas como igualdade política e social para a mulher, direito de controlar as funções reprodutivas sem interferência do Estado, e medidas efetivas que propiciem o bem-estar social e a educação das crianças como responsabilidade da sociedade.

Leitura de originais

1) Foi lançado neste final de março o 1º número da coleção POLÊMICA, que já pode ser encontrado junto aos militantes da RESISTÊNCIA nas diversas cidades do estado. Para o primeiro número foram escolhidos dois textos que deverão interessar muito ao conjunto dos ativistas políticos do ME. O primeiro deles, de autoria de Marcos Rolim, intitulado "Carta Aberta ao Companheiro Luiz", é uma resposta ao folheto de Luiz Marques, membro da tendência estudantil "peleia" que criticava as teses centrais do livro "Hora

do Povo: Uma vertente para o fascismo". E o segundo, de autoria de Adelmo Genro Filho, intitulado: "Em tempo: Um passo atrás, e outro também" é uma avaliação crítica sobre as posições constantes no 1º Caderno do EM TEMPO, "O PT e o Partido revolucionário no Brasil".

2) Para breve, já estará a disposição de todos os interessados o livro: "Bento Gonçalves, o herói ladrão" de autoria do historiador Tau Golin. Neste trabalho, Tau Golin, que se tem revelado um dos mais importantes críticos gaúchos da ideologia tradicionalista divulgada pelas elites, demonstra como a figura de Bento Gonçalves sempre se vinculou organicamente aos interesses das classes dominantes; tudo isso a partir de uma pesquisa na Biblioteca Nacional e com a utilização de documentos históricos até hoje jamais divulgados.

3) Não deixe de adquirir o n.º cinco da Revista "TEORIA E POLÍTICA", cada vez mais, um instrumento imprescindível de discussão no seio da esquerda brasileira.

O que nasce comigo

Pablo Neruda

Canto a grama que nasce comigo
neste instante livre, os fermentos
do queijo, do vinagre, a secreta
floração do primeiro sêmen, canto
o canto do leite que agora cai
de branca em branca aos mamilos,
canto os crescimentos do estábulo,
o fresco esterco das grandes vacas
de cujo aroma voam multidões
de asas azuis, falo
sem transição do que agora acontece
com a abelha-da-terra e o seu mel, com o líquem
e as suas germinações silenciosas:
como um tambor eterno
soam as sucessões, o transcurso
de ser a ser, e nasço, nasço, nasço
com o que está nascendo, estou unido
ao crescimento, ao surdo contorno
de tudo que me rodeia, pululando,
propagando em densas umidades,
em estames, em tigres, em geléias.

Eu pertencço à fecundidade
e crescerei enquanto crescem as vidas:
sou jovem com a juventude da água,
sou lento com a lentidão do tempo,
sou puro com a pureza do ar,
escuro com o vinho da noite
e só estarei imóvel quando seja
tão mineral que não veja nem escuta,
nem participe do que nasce e cresce.

Quando escolhi a selva
para aprender a ser,
folha por folha,
estendi as minhas lições
e aprendi a ser raiz, barro profundo,
terra calada, noite cristalina,
e pouco a pouco mais, toda a selva.

PRÁ FRENTE BRASIL, O FILME

Com o golpe de estado de 1964, alguns grupos clandestinos de esquerda tentaram "revidar" este movimento encabeçado por militares. Movimento este que defendia fundamentalmente os interesses do capital financeiro e visava destruir as organizações operárias e populares para acabar com o "eminente perigo vermelho" das manifestações sociais.

Para responder a este golpe, tais grupos encontraram uma forma igualmente violenta para se contrapor à ditadura que se instalara no poder. A tática utilizada foi a guerrilha urbana, atitude que, no entender dos guerrilheiros, ganharia a simpatia das amplas massas e desencadearia uma sublevação social capaz de derrubar o novo governo. Porém, as elites não aceitaram, sem reagir, estes ataques e a forma que as classes dominantes encontraram para "sanar este mal" definiria para sempre o caráter e o conteúdo do golpe.

O filme tem início no mês de julho de 1970, período em que a seleção brasileira de futebol disputa o campeonato mundial desta categoria no México. A seleção apresenta um futebol impecável, inesquecível e as ruas, vazias, indicam que a grande maioria da população estava com as atenções presas e assistia com expectativa a cada jogo. É o período, também, do famoso "milagre brasileiro". Os índices oficiais, distorcidos, apontavam uma inflação baixa; a produção crescia e o mercado de consumo se ampliava consideravelmente. Uma certa atmosfera de euforia dava a tônica daqueles dias, e o governo, oportunamente, insinuava de que quem não amasse aquele Brasil, que o deixasse.

Embora Roberto Farias não frise basicamente estes aspectos da época, o seu filme ressuscita dos porões da ditadura os restos mortais de uma página que ainda não foi virada na nossa história e que ainda não es-

tá totalmente esclarecida para a opinião pública.

O drama de "Jofre" (Reginaldo Farias) e de sua família começa quando ele faz uma viagem e, ao desembarcar, resolve tomar um táxi juntamente com outro viajante que conheceu casualmente. Só que este conhecido, o "Rezende" (Claudio Marzo), é um guerrilheiro procurado pelas forças de repressão.

A polícia persegue os dois, mata Rezende, o motorista de táxi, e leva Jofre vivo para ser torturado e "confessar" tudo o que sabe. Mas Jofre não sabe nada, e sua família é perseguida e vigiada durante todo o tempo em que esteve atrás dele vasculhando delegacias, hospitais e até pressionando empresários comprometidos com a repressão na esperança de ter de volta ao

menos seu corpo.

Pelo vigor da denúncia e a forma brilhante como ele, o diretor, consegue fazer passar através da tela o sentimento de angústia e pavor que se abate sobre os parentes e amigos de qualquer pessoa "desaparecida", Roberto Farias merece os nossos aplausos.

No final, a guerrilha é derrotada, com sacrifício de pessoas que honraram seus princípios revolucionários com a própria vida. Os pequenos grupos armados, distanciados do povo que sequer sabia de suas ações, não perceberam que o momento político era o de acumular forças pacientemente para um embate maior e que o tipo de luta escolhida não estava colocada na ordem do dia. Mas as marcas e sangue derramado ficarão para sempre na história política deste país, como contadas que o tempo se encarregará de ajustar.

Roberto Chamis
Sta. Maria



A COMUNHÃO DAS RAPOSAS

Brizola, Tancredo e Cia
em Santa Aliança pela "Conciliação Nacional".

Como cogumelos após a chuva, começaram a espocar pelos quatro cantos do país, declarações de diversos seguimentos oposicionistas em favor da "conciliação nacional".

Principalmente após o general Figueiredo ter dirigido ao Congresso sua mensagem propondo às oposições uma "trégua política", se multiplicaram os depoimentos de eminentes figuras dos partidos de oposição saudando a iniciativa do Planalto e enaltecendo o espírito "democrático" do Sr. João Batista de Figueiredo, ex-chefe do S.N.I.

Essencialmente, os argumentos utilizados pelos mensageiros da confraternização entre as classes é o mesmo: "O Brasil atravessa uma crise sem precedentes que afeta a todos indistintamente", "o momento político exige um esforço coletivo para a busca de uma solução de consenso", etc... etc...

Em meio a esta tempestade que abala o Capitalismo In-

ternacional, estaríamos "todos no mesmo barco" não restando outra saída a não ser dividir as responsabilidades e administrar a crise", sem rancores".

Ora, a proposta da "trégua" de Figueiredo apenas dá continuidade à lógica do discurso da abertura. Antes das eleições, o general-presidente falou repetidas vezes em "estender a mão às oposições" e assim por diante. Todavia, se naquele momento pré-eleitoral a oposição liberal se manteve, no mínimo, "prudente" em proclamar sua adesão, hoje já não há motivos para tanto cuidado. Principalmente os governadores eleitos pelo PMDB e PDT não tem medido esforços para concretizar uma política de simpatia com o governo federal.

Torna-se evidente que os projetos da burguesia monopolista — representado pelo regime militar — e de burguesia liberal possuem apenas contradições secundárias. Nos momentos de crise, a tendên-

cia predominante, em que pese as críticas do empresariado à política econômica, é realmente a conciliação mais deslavada.

No que se refere à crise, o regime faz o papel do filho que matou os pais e reclama-se órfão. Em verdade, o regime militar é o responsável mais direto pela crise que hoje despede milhares de trabalhadores, que aprofunda a recessão, que arrocha ainda mais o salário dos operários, que corta verbas destinadas aos gastos públicos, etc...

Ao mesmo tempo, a política nacional passa a conviver quase que diariamente com escândalos do tipo CAPEMI, CADERNETA DELFIN, BAUMGARTEN, que a exemplo do que já ocorreu com o Rio-Centro e os atentados terroristas, permanecem encobertos e "abafados" pelo sistema.

Como se não bastasse, o regime mantém em seus cárceres dezenas de presos políti-

cos enquadrados na Lei de Segurança Nacional, reprime violentamente o movimento sindical, como ocorreu recentemente na greve da Scânia, persegue de forma seletiva a oposição operária e popular, etc...

Por toda esta situação, urge a estruturação de uma proposta alternativa à saída burguesa-monopolista para a crise, uma proposta que afirme a luta contra a recessão e o desemprego, contra o acordo do Brasil com o FMI e pelo não pagamento da dívida externa, por eleições diretas para a presidência da república e para todas as capitais, pelo fim da LSN, Lei dos estrangeiros, Lei anti-greve e demais medidas repressivas. Uma proposta que aponte sempre para a derrubada do regime e para a instalação de um novo poder, democrático, operário e popular, representante da classe operária — que o hegemoniza —, do campesinato e da pequena-burguesia oprimida pelos monopolios.

Para a viabilização desta alternativa do poder é fundamental o combate à conciliação em todos os níveis. Não apenas àquelas propostas mais explícitas e rançosas de colaboração que caracteriza o estilo das velhas raposas, como também àquelas propostas que se referenciam unicamente nas lutas surdas e cotidianas de conteúdo meramente econômico e que se recusam ao enfrentamento político com o regime, como é o caso da hegemonia social-democrata cada vez mais cristalizada no PT.

Igualmente o combate ao reformismo da esquerda tradicional, apaixonada pelas soluções por "etapas" que se prolongam ao infinito e que mantem uma atuação nitidamente caudatária à burguesia liberal, torna-se particularmente importante.

Todo este movimento de luta contra a conciliação deverá, por certo, acumular organizadamente para a estruturação de uma Frente Operária e Popular que aglutine a massa avançada que hoje se joga espontaneamente à luta, assim como os segmentos populares do PMDB, PT e PDT, os quais não irão encontrar alternativas reais para o avanço da luta política no interior destes partidos burgueses.

Não à trégua, Pela derrubada do regime militar.



PASSEATA, INVASÃO DA REITORIA, PULO DA ROLETA: UM DIA DE LUTA NA UFSM

Para marcar o dia 22 de março na Universidade Federal de Santa Maria, o DCE, as Casas e o DAs realizaram uma grande passeata no campus em torno de, basicamente, quatro eixos: Conclusão da moradia estudantil, conclusão da creche da universidade, melhores condições de transporte e pelo não fechamento dos RUs.

Com início as 10 h. da manhã, a passeata congregou cerca de dois mil estudantes que se deslocaram até a frente da Reitoria aos gritos de "Moradia não se adia, ocupação é

a solução", "O transporte é um lixo, estudante não é bixo", até às palavras de ordem políticas como: "Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar"; "Lutar, vencer, operários no poder". Também não faltaram refrões dedicados à figura do Reitor Armando Vallandro, tais como: "Te segura Vallandrão, temos mobilização"; "Uto, uto, uto, Vallandro é um baíta...faixa"... todos indicativos da enorme "popularidade" que o interventor do MEC tem entre os estudantes.

Logo após a chegada à

reitoria, foi aprovada a proposta de invasão do prédio. Imediatamente, e vencendo a reação dos "seguranças", todos os dois mil estudantes entraram no saguão e acompanharam pelas escadarias, até o 5º andar, a entrega da pauta de reivindicações no gabinete do Reitor. Neste ato, a bandeira da UNE foi desfraldada do prédio da administração central, simbolizando a conquista de mais um espaço para o Movimento Estudantil.

Ao final, foi decidido pular a roleta na volta à cidade

como forma de marcar o protesto pela alta do preço das passagens. Foi neste momento que uma patrulha da Brigada Militar invadiu o campus pronta para reprimir os estudantes com gás lacrimogênio, carabinas e cassetetes. Pela 1ª vez na história da Universidade, uma patrulha armada tomou o campus, uma área federal, concretizando-se assim, uma flagrante violação da proclamação "autonomia universitária".

Todavia, os estudantes não se intimidaram. Sentados no chão, cantaram de mãos dadas "Caminhando" de Geraldo Vandré, o "Hino da Independência" entre uma grande variedade de palavras de ordem, até a brigada resolver se retirar. Vencido mais um obstáculo, a proposta do "pulo", aprovada na assembléia, foi

retomada e efetivada, com sucesso. De passagem, um agente da Assessoria De Segurança e Informação da UFSM foi identificado batendo fotos da mobilização; sem vacilar, os estudantes tomaram a máquina do obscuro fotógrafo se apoderando de seu filme.

A partir daí, o DCE deflagrou um amplo processo de assembléias por curso que deverá desembocar num seminário para discussão dos graves problemas que afetam os estudantes.

Principalmente se houver a concretização do fechamento dos RUs, a GREVE geral poderá ser deflagrada recolhendo todo o acúmulo organizativo e político que anunciaram estes dias de março...

Cláudio Ritter Alves